

NORA ROBERTS

"Melhor é impossível" -New York Times

*O Natal
dos Quinn*



*Uma prenda da Chá das Cinco
para todas as fãs do Clube Nora Roberts*



Ele nunca tivera um Natal. Não daqueles a sério, com árvore e luzinhas, presentes. Não em família. Nunca passara nenhum numa casa plena de música e a cheirar a bolinhos acabados de fazer, com decorações penduradas por todo o lado.

Claro que não era nenhum putu. *Bolas*, andava no sexto ano. Claro que não ia acreditar que um tipo gordo, vestido de vermelho, ia entrar pela chaminé abaixo. Como se fosse possível.

Começava a habituar-se à ideia, já que toda a gente estava tão empenhada a tratar dos preparativos. Todos aqueles segredinhos e conversas em código, e os risinhos. Bom, os homens não se riam, corrigia Seth, mas as mulheres não faziam outra coisa. E a pequenina Aubrey estava quase à beira da loucura, à espera da manhã seguinte.

Mas ela não passava de uma bebé. O Natal devia ser especial para os miúdos.

Ele achava porreiro não ter aulas e tentava imaginar que alguns presentes lhe iam parar às mãos. Não estava propriamente radiante.

Ia sorrateiro até lá abaixo roubar uns biscoitos. Como queriam que um tipo dormisse, com milhares de biscoitos espalhados pela casa?

Com o esboço que emoldurara numa mão, Seth avançava pé ante pé no escuro, um rapazinho de constituição franzina, de cabelo cor de palha e olhos azuis cautelosos. Para o cão que seguia atrás dele esboçou um gesto de aviso lancinante, para não fazer barulho, senão seriam descobertos.

Havia música a tocar. Parou no cima das escadas, a ouvir com atenção, para ter a certeza que era o rádio, e não Phillip ao piano. Depois de jantar, os irmãos – gostava muito da expressão: o *irmão* dele. Depois de jantar, começaram todos a tocar até Aubrey adormecer no colo de Grace. Depois, empurraram Seth pelas escadas acima, para a cama. E fora um trabalho duro, porque ainda nem eram dez horas e nem sequer tinha escola no dia seguinte.

Cam fartou-se de falar no Pai Natal, irritando-o.

Ao lembrar-se, Seth tentou transformar o sorriso num esgar, mas este surgiu aberto e maravilhado.

Ao descer as escadas em surdina, Seth viu que haviam deixado a árvore acesa. Nunca vira nada assim. Anna quisera comprar uma verdadeira, e na opinião de Seth, era Anna quem mandava. Por isso, trouxeram um pinheiro enorme, e os rapazes fartaram-se de resmungar ao pendurar as luzes. Mas Seth sabia que gostavam de o fazer. Agora, estava carregada com o que parecia milhares de enfeites, e presentes com grandes laços e quilómetros de fitas empilhados por baixo dela.

Alguns tinham o seu nome.

Provavelmente eram coisas foleiras, como cuecas e meias, convencencia-se, lutando contra a imensa excitação de ver aquelas caixas com embrulhos maravilhosos reluzir sob as luzes. Como se pertencessem ali.

Como se ele pertencesse ali.

Caminhou à volta deles, só para abanar um, mas viu Anna a dormir no sofá.

Seth praguejou entre dentes, apressando-se a esconder o que trazia atrás das costas. Corou ao pensar em ser apanhado a ter uma atitude de bebé, a espreitar as caixas que dali a umas horas iam desembulhar, de qualquer forma.

Ficou na indecisão, mas a desculpa de querer biscoitos tornara-se uma realidade. Agarrou a coleira do cão, antes que Tolinho justificasse o nome e espetasse o nariz molhado na cara de Anna. Seth sibilou para o cão se sentar. Depois, vendo que Anna atirara a manta para trás, bem devagar aproximou-se para a tapar de novo.

Ela fora sincera com ele, pensava Seth. Não, mais do que sincera. Fora do melhor que há, do mais decente que pode haver e sabia que não valia a pena procurar mais. Ela e Grace e os Quinn haviam-lhe dado esperança, quando acreditara que a esperança não passava de mais um murro na cara.

E Seth desejava que houvesse algo que pudesse fazer para retribuir. Tinha esperança que ela gostasse do cachecol que lhe havia comprado. Era de um vermelho vivo, e Anna gostava de vestir coisas vermelhas. Mas ele preferia que fossem diamantes, ou coisa assim.

“*Pois, tá bem.*” Pensava com os seus botões.

Afastou-se do sofá, e depois arrastou-se como um ladrão até à cozinha, com Tolinho na sua peugada. Levava um esgar presunçoso no rosto, e a mão no frasco dos biscoitos, quando a porta das traseiras se escancarou. Guinchando, escondeu a moldura atrás das costas.

Cam praguejou e bloqueou a porta. “Seth.” Disse ele, alto o suficiente para avisar os irmãos, dando tempo para esconderem a bicicleta que haviam passado as últimas duas horas a montar. “O que é que estás a fazer?”

“Nada.”

“Parece-me que andas na ladroagem.” Cam ouvia os irmãos a praguejar baixinho, o rebuliço enquanto tentavam levar a bicicleta outra vez para o alpendre, e a entrarem novamente. “Pensei que estavas proibido de ir aos biscoitos.”

“Isso foi ontem.” Num gesto descarado, Seth tirou um e trincou-o. “Já passa da meia-noite, por isso é outro dia.”

“Bem visto.”

Ethan avançou, com o cão enorme atrás dele, e olhando em redor para a situação, encolheu os ombros, sacudindo o casaco. “Onde está o café?”

“Brandy,” corrigiu Phillip, e fechou a porta das traseiras. “O vento até corta. Porque é que não estás na cama a sonhar com peras doces?”

Vendo que Anna dormia, a resposta de Seth foi curta e grossa. Tentou escapular-se, mas Cam foi mais rápido e deixou cair a mão pesada no seu ombro. “O que é que trazes aí?”

“Nada.”

“Andaste a mexer nos presentes.”

Seth roncou, medindo a distância da porta. “Não. Abanar as caixas é coisa de meninas e bebés.” Como já o haviam apanhado a fazê-lo duas vezes naquela semana, encolheu os ombros. “Só o fiz porque a Aubrey se diverte à brava.”

“Uh-huh. Então, o que é isso atrás das costas?”

“Nada.” Seth tentou avançar, mas Ethan correu para o fogão, cortando-lhe o caminho, e Phillip foi buscar um cálice de brandy ao armário. Encurralado, Seth subiu os ombros. “Não é nada. Nada de especial.”

“Dá-mo cá, puto.” Cam espetou um dedo e depois grunhiu, assim que Seth bateu com a moldura de madeira no seu estômago. Ao mesmo tempo que Cam franzia os olhos, prometendo a devida resposta, Seth espetou o queixo para a frente. “Já te penduraram pelos pés, por cima de um tronco de Natal?”

“Não temos nenhum tronco de Natal.”

“Posso ir buscar um.”

“Vejam só,” murmurou Ethan, passando a mão pelo cabelo de Seth, enquanto o rapaz se eriçava. “É um desenho da casa.”

“Está bem feito,” Phillip inclinou-o para ver melhor o carvão certo do esboço, que ilustrava a casa de dois andares junto à baía.

“Muito bom.”

“Não é nada importante.”

“Eu é que decido o que é importante por aqui,” Cam mantinha a mão no ombro de Seth, enquanto estudava o esboço. Sim, era perspicaz. O rapaz tinha talento. Mas mais do que isso, representava o lar. Para todos eles.

“E esta situação é uma delas. Isto é muito importante. É para quem?”

Seth encolheu os ombros. Sentia um calor na barriga. Não era assustador, apercebia-se, mas agradável. Agradável e quente. Os três homens não o estavam a prender lá dentro. Estavam a fazer-lhe companhia. Como haviam feito inúmeras vezes.

“Para nós. Estava a pensar deixá-lo debaixo da árvore, ou coisa assim. Se quiserem, podem pendurá-lo num sítio qualquer.”

“A Anna vai chorar quando o vir.”

Seth erguia agora o olhar. Nada do que Cam dissesse seria mais música para os seus ouvidos. “Achas?”

“Oh sim. E depois vai-te dar um monte de beijos lambuzados e, se te portares bem, tantos biscoitos que no Ano Novo vais estar hipoglicémico.”

“Parece-me um bom negócio.”

“Sim.” Cam esfregou a mão no ombro de Seth e pousou o esboço em cima do balcão. “Parece-me um belo negócio, no fim de contas.”

“Está a nevar.” Declarou Ethan na sua típica voz baixa. Seth correu para a porta. Phillip conseguiu puxá-lo pelo colarinho antes que

saísse porta fora, a correr, e tropeçasse no seu presente de Natal.

“Nada de brincar na rua às...” Olhou para o relógio, resmungando. “Bolas, às três da manhã.”

“Só queria ver.”

“É uma treta branca,” explicou Phillip. “Cai do céu e torna as estradas perigosas e estraga os sapatos de camurça.”

“É neve de Natal,” afirmou Seth, frenético, e sentiu-se imediatamente estúpido.

“Podemos ver do alpendre da frente.”

“Bem pensado,” Cam também enfiou a mão no frasco dos biscoitos. “Vamos acordar toda a gente e começar a festa.”

Seth arregalou os olhos e nem mesmo o seu guincho de entusiasmo o envergonhou. “A sério? Agora? Agora mesmo?”

“Claro. O Pai Natal já deve ter cá vindo. Tenho a certeza que queria evitar a neve”. Cam lançou um esgar na direcção de Phillip. “Ouvi dizer que tem sapatos de camurça.”

“A Anna está no sofá. Deixa-me acordá-la. “Seth avançou, para depois estacar e olhar para trás. Tinha o rosto iluminado, como deve ter um rapazinho na manhã de Natal. “Isto é mesmo fixe.”

Ao correr na direcção da sala, Seth riu-se ao pensar no Pai Natal de sapatos de camurça. Tinha algo muito melhor que o Pai Natal e uma data de duendes.

Tinha uma família.

